

20/01/2017 - 05:00

## Previdência, tô fora!

Por **Cristiane Barbieri**

*"Conversei com vários amigos e todos temos o sentimento de que não vale à pena procurar a segurança da previdência pública", diz Victor de Andrade, 23 anos*

"Trabalho desde os 15 anos de idade e nunca me preocupei com a Previdência Social", diz Cássio Beldi, hoje com 29 anos. "Quando trabalhei com carteira assinada, achava que era um dinheiro tremendamente desperdiçado, por causa da ineficiência do governo." Herdeiro do que foi o grupo Splice e gestor do fundo de investimentos Mint Capital, Beldi tem uma posição privilegiada, mas está longe de ser o único representante da geração milênio ou "millennials", como são chamados os nascidos depois dos anos 80, a adotar um discurso antiprevidência.

É fácil ouvi-lo nas rodas de jovens de origens diferentes. "Eu quero mesmo é ter minha própria autonomia financeira", diz Webster Gomes de Carvalho, de 19 anos, que acaba de concluir o curso de automação industrial no Senai e foi contratado para trabalhar em uma empresa de gestão de frotas. Na última semana de aula, ao lado de seus colegas João Vitor de Oliveira, de 19 anos, e Christyan Nascimento de Lima, de 17 anos, eles falavam da descrença no poder público, dos planos para os próprios voos, da busca pela independência financeira. "A área de automação residencial vai crescer muito e há pouca mão de obra", afirma Oliveira, que era vendedor de artesanato em uma loja no Embu (SP) até se tornar estagiário em uma empresa de informática, na qual deve ser efetivado. "No futuro, quero empreender, porque sei que passar a vida toda empregado com carteira é difícil."

Mais individualista, empreendedora e com pouca expectativa de ficar na mesma profissão por toda a vida, é exatamente essa geração a mais afetada pela reforma da Previdência Social, proposta pelo governo Temer no mês passado e que deve ser votada neste ano pelo Congresso. Com a certeza de um calote nos aposentados e pensionistas caso não sejam feitas mudanças, o governo tenta levar adiante uma proposta que prevê, entre outras regras, o aumento do tempo mínimo de contribuição de 15 para 25 anos, sendo que a aposentadoria só poderá ser requerida aos 65 anos de idade. Caso a reforma seja aprovada, para receber a aposentadoria integral, o contribuinte terá de começar a trabalhar com carteira assinada aos 15 anos de idade - e contribuir pelos 49 anos seguintes.

Nem é preciso dizer que não é algo que passe pela cabeça de muitos jovens. "Sou completamente contra investir na previdência pública e até mesmo na privada porque não significam poupar para o futuro, mas deixar que outra pessoa tome conta do [dinheiro]", diz Beldi. "No caso da previdência privada, se a pessoa tiver a mesma disciplina e colocar o dinheiro em algo tão simples quanto um título público, no fim de 25 anos terá uma fortuna, que poderá usar e deixar



*Desemprego entre jovens sempre foi o maior, mas o percentual dobrou pós-*

*2014, diz Souza Júnior, do Ipea*

para seus herdeiros, porque não cessa com sua morte." Ou seja, o mesmo raciocínio que usam na vida profissional - de só fazer o que consideram ter sentido - vale para a aposentadoria.

"Quando a gente diz que não se importa com as mudanças na Previdência Social, pode passar uma impressão errada de ignorância e que nossa geração é alienada", diz Victor de Andrade, de 23 anos, "chief technology officer" (CTO) do site Carreira Beauty. "Conversei com vários amigos e todos temos o sentimento de que não vale à pena procurar a segurança da previdência pública." A ambição dele e de seus conhecidos também é construir algo que os sustente no futuro. "Pode ser empreender, investir em imóveis, no mercado financeiro", afirma. "Mas a perspectiva de passar uma vida inteira contribuindo para receber muito pouco lá adiante não faz o menor sentido."

Nem para ele nem para as gerações anteriores, diz Marcelo Caetano, secretário de Previdência. "Estudo o tema há mais de 20 anos e sempre houve essa discussão", diz ele. "É por isso que, mesmo em países mais pró-mercado e liberais, como os Estados Unidos, a contribuição é compulsória, sendo que há lugares onde, além da previdência pública é obrigatória também a previdência privada, como uma espécie de FGTS."

O motivo é um só: se a contribuição fosse optativa, nem essa nem as gerações anteriores o fariam, espontaneamente. "Quando se está na faixa dos 20 anos, a realidade da aposentadoria parece muito distante e todos os sonhos são realizáveis", afirma Caetano. "É preciso ter educação previdenciária porque uma hora a necessidade chega."

Os especialistas concordam. "Investir na previdência não é jogar dinheiro fora", diz o economista Fabio Giambiagi, autoridade na área. "Não há fundo de pensão que pague a mesma coisa quando o benefício é vitalício." Além disso, diz ele, o risco da mudança de regras e de o governo não honrar com o compromisso é o mesmo da previdência privada. "Se o país quebrar, o dinheiro do PGBL e do VGBL [tipos de previdência] também corre risco", afirma Giambiagi. "O calote vai para todos, inclusive em outros tipos de aplicações e na perda de valor em bens como imóveis."



*"É preciso ter educação previdenciária porque uma hora a necessidade chega", afirma o secretário de Previdência, Marcelo Caetano*

Além da aposentadoria em si, Caetano lembra também que a previdência abriga a licença-maternidade, bem como seguros para acidente de trabalho, doenças e invalidez. Uma tendinite mais séria, por exemplo, pode acabar com as perspectivas de um programador. Um acidente grave de trânsito ou de bicicleta, com qualquer carreira. "É uma cobertura difícil de se conseguir no mercado segurador", afirma.

Para uma geração que busca prazer com novas formas de trabalho e transforma a carreira em experiências de vida, são apelos tão atraentes quanto uma tarde sem internet. Andrade, por exemplo, é CTO de uma startup, mas é um microempreendedor individual (MEI). Recolhe, portanto, um percentual muito menor de INSS do que se fosse empregado em regime de CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Enquanto como MEI sua carga é de 5% sobre o salário mínimo, como CLT seria de 8% a 11% sobre o valor do salário total.

Ele está longe de ser um caso isolado. O site em que ele trabalha, o Carreira Beauty, funciona no Cubo, um coworking onde há outras 57 startups de tecnologia. Na maioria delas há apenas prestadores de serviços e não funcionários contratados. Lá, eles trabalham de um jeito diferente das empresas tradicionais. Jovem e num cargo estratégico, quando depara com algum problema que não sabe resolver, por exemplo, Andrade entra no Slack, sistema que conecta usuários com quem pode tirar dúvidas. Todo mundo do Cubo está lá, além de milhares de equipes que se falam em todo o mundo.

Não há hierarquias rígidas, chefes irascíveis, departamentos estanques, relatórios longos e burocracias. "Fiz um ano de faculdade como bolsista em Londres e, quando voltei, comecei a trabalhar em uma consultoria de software, CLT, tradicional. Simplesmente não era aquilo o que eu queria", diz Andrade. "Em uma empresa com várias camadas hierárquicas, quanto mais baixa a posição, mais braçal e menos estratégico é o trabalho." Sua ambição era poder influenciar o produto. "Numa startup é diferente, todos estão próximos e eu consigo ter voz", afirma. "Todos aqui temos esse desejo de criar, crescer, causar impacto e ser rentável."

Ambição não muito diferente da de Paulo Henrique Santos, de 29 anos. Advogado, ele se sentia tão frustrado no emprego que preferiu aceitar causas particulares e trabalhar em casa. Para completar a renda, virou motorista do Uber. "Eu trabalhava em um escritório que lidava com ações em massa de um banco", diz ele. "Mas eu não tinha a menor importância ali dentro e percebi que estava emburrecendo: muitas vezes, via que havia erros no processo, tentava corrigi-los e era simplesmente ignorado porque a preocupação era dar conta do volume e não ganhar a causa." Sem recolher um centavo para a Previdência hoje, Santos pensa em suspender sua inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil e emigrar para o Canadá. Ou ir atrás do sonho de ser delegado da Polícia Federal.



*"Investir na previdência não é jogar dinheiro fora", diz Fabio Giambiagi. "Não há fundo de pensão que pague a mesma coisa quando o benefício é vitalício."*

Nos grupos de motoristas do Uber no Facebook, aliás, é muito fácil encontrar casos como o de Santos. Mais ainda, de jovens da geração milênio desempregados. "Duas semanas antes do meu casamento, a TAM me mandou embora", diz Philippe Gomes de Souza, de 24 anos. Com o curso de tecnólogo em gestão de RH, ele já havia trabalhado como vendedor na Casas Bahia e foi para a Prefeitura de Guarulhos que, sem dinheiro, também demitiu funcionários. O jeito foi usar as indenizações, comprar um carro e entrar no Uber. "Espero conseguir emprego até março porque isso não é vida para ninguém", diz ele, que dirige em São Paulo. "Para ganhar algum dinheiro, tenho de trabalhar de 12 a 15 horas por dia, sendo que às vezes não dá nem para ir ao banheiro, porque em todo lugar tem Zona Azul."

Souza quer mesmo um emprego de carteira assinada, trabalhando na área administrativa de uma empresa e sentado na frente de um computador. "Já tenho 5 anos de contribuição mas ficar 49 anos pagando, sem chance", ele afirma. "Hoje não contribuo porque pago uma conta de água ou de luz com esse dinheiro."

É preciso dizer que essa é uma realidade comum à maior parte da população brasileira, seja ela mais ou menos jovem. Com o desemprego nas alturas, a carteira assinada é o maior desejo, muito antes de qualquer empreendedorismo, sobretudo nas classes sociais com menor poder aquisitivo. "É uma população que está em um estágio tão diferente, que a ambição empreendedora e de realização pessoal não está nem no radar", afirma Maurício de Almeida Prado, sócio da Plano CDE. Em um de seus levantamentos, a empresa de pesquisas constatou que metade dos trabalhadores das classes C, D e E são informais e associam empreender a trabalho braçal. "Empreendedorismo é um conceito difuso para essas classes sociais", afirma. "Além da carteira assinada, a ambição é um trabalho 'sentado', na frente de um computador, algo que fuja do estigma do trabalho braçal feito por seus pais."

Para Almeida Prado, o pensar no futuro mais distante é um valor aprendido culturalmente pela elite e ainda não totalmente absorvido pelos 113 milhões de brasileiros das classes C, D e E, a maior parte da população e a que responde por boa parte das contribuições à Previdência.



*"Trabalho desde os 15 anos e nunca me preocupei com a Previdência Social", diz Cássio Beldi, hoje com 29 anos, gestor do fundo de investimentos Mint Capital*

Querendo ou não fazer parte do sistema, essa será a primeira geração de brasileiros que suportará a mudança da pirâmide populacional em relação à faixa etária. Também tem sido a que mais sofre com o desemprego. Segundo o último relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o setor populacional mais atingido são os jovens entre 14 e 24 anos, cuja taxa de desemprego atingiu 27,7% no terceiro trimestre de 2016, quase sete pontos percentuais acima do que o mesmo período do ano anterior.

"O desemprego entre os jovens sempre foi maior do que o do resto da população, mas o percentual dobrou do fim de 2014 para cá", diz José Ronaldo Souza Júnior, coordenador do grupo de conjuntura do Ipea. "Dado o cenário da economia, a taxa deve continuar crescendo por algum tempo." O relatório aponta que até mesmo o nível de ocupação entre os empregados sem carteira assinada teve "deterioração expressiva". "O desalento está crescendo", afirma Souza Júnior. "Mas, para esse jovem, a reforma da Previdência é ainda mais importante porque ele seria o maior prejudicado."

No momento, o desemprego e a informalidade - e não a mudança na estrutura do trabalho - são os problemas que mais preocupam Caetano, já que as contribuições de empregados e empreendedores são obrigatórias. "O autoemprego ou uma tendência maior à informalidade podem vir a criar uma preocupação em relação a uma desproteção", diz Caetano. "Nas estatísticas mais recentes, porém, não se observou uma mudança estrutural." Segundo ele, a queda ou o aumento na arrecadação da Previdência dependem mais do ciclo econômico e da geração de empregos formais do que das novas formas de trabalho buscadas pela geração milênio.

Talvez ainda seja cedo para sentir mudanças estruturais na ponta do lápis. "O modelo de trabalho está mudando não só no Brasil e em pouco tempo sua realidade será totalmente outra", diz Gustavo Pessoa, mestre em psicologia e sócio da Talent Matching, empresa especializada em desenvolvimento e treinamento para a Geração Y, como também são chamados os "millennials". "A expectativa é que o jovem tenha de 10 a 14 ocupações na vida: se hoje ele trabalha em marketing, amanhã ele pode migrar para finanças, depois passar um tempo na Argentina, voltar e fazer outra coisa."

São demandas tão diferentes que a empresa de Pessoa desenvolve treinamentos feitos por games, mais atraentes para



*"No futuro, quero empreender, porque sei que passar a vida toda empregado com carteira é difícil", diz João Vitor de Oliveira, de 19 anos, (à dir.), ao lado de Webster Gomes de Carvalho quem acha chato se educar com um instrutor falando sem parar, acompanhando apostilas, Power Point e anotações em quadros brancos. Mais útil também para quem tem uma educação formal ruim, como a maioria dos brasileiros.*

No mundo mostrado por Pessoa, cabe o exemplo de Fernanda Araújo Costa, de 22 anos, que trancou a faculdade de química industrial para passar um ano no Canadá aprimorando o inglês e trabalhando. "Eu era estagiária, fui efetivada em uma empresa da área, mas cansei dos problemas com mudanças de chefia e promessas não cumpridas", diz ela. Se a transferência da faculdade for aprovada, ela pretende ficar por lá definitivamente.

É um movimento que tem crescido. Na Belta, a Associação de Agências de Intercâmbio, o número de brasileiros enviados para estudar no exterior passou de 202 mil, no fim de 2013, para 220 mil, no ano passado, mesmo com o recrudescimento da crise. Para 2016, a expectativa é de um crescimento de 7% a 10%.

"A nova geração tem um perfil bem distinto, que independe da reforma da Previdência e está acontecendo simultaneamente em todo o mundo", afirma Renata Muramoto, sócia responsável por gestão de talentos da consultoria Deloitte. "Ela é voltada a um propósito e não se apega a trabalhar numa empresa de grande porte ou em construir uma carreira." Segundo uma pesquisa da Deloitte, 44% dos "millennials" deixam as empresas onde trabalham em até dois anos, sendo que nos mercados emergentes o percentual beira os 50%.

Com ciclos de trabalho menores que os de seus pais e avós, esses jovens também viverão outro conceito de aposentadoria. "Não é um retiro, mas mais um ciclo, em que apenas se espera ter uma complementação de renda, porque não há mais a expectativa de saída do mercado de trabalho", afirma Pessoa. "Eles a veem como uma nova fase, se é que ela aparecerá."



*"O Brasil deverá ir na direção dos europeus, que criaram formas de trabalho diferentes, com formas de manter a contribuição à Previdência e distribuir as oportunidades", diz Pastore*  
Segundo ele, a tendência é de que as pessoas passem a entender suas carreiras como seu negócio, vendendo habilidades e competências dentro de um escopo de atuação. É mais ou menos como as empresas estão se adaptando a esse novo cenário: criando carreiras em W, nas quais os profissionais podem atuar por projetos dentro das corporações, sem ter de deixá-las por desafios mais atraentes. "A luz no fim do túnel que vemos para essa mudança de emprego a cada dois anos é que os funcionários possam ser especialistas num projeto e atuar como gestores em outro, dependendo de seus interesses", diz Luis Fernando Martins, diretor da empresa de recrutamento Hays. "Sem estigmas, preconceitos e com maior flexibilidade."

Mesmo com o novo formato, nas empresas maiores não haverá mudanças nas relações de trabalho. Nas outras, no entanto, sim. Para José Pastore, professor de relações do trabalho da USP, essa nova realidade será mais um impulso para a flexibilização das leis trabalhistas. "Se os mais jovens já estão mudando, os idosos também vão ficar mais tempo no mercado e será um desafio enorme gerar empregos para todos", afirma Pastore. "O Brasil deverá ir na mesma direção dos países europeus, que criaram formas de trabalho diferentes, sejam elas intermitentes, casuais, por hora, por dia, com formas de manter a contribuição à Previdência e distribuir as oportunidades." Mas essa já é uma outra reforma.